

## A Literacia em Saúde e a Comunicação de Risco em Saúde Pública

Professora  
Doutora Rita  
Espanha

Comunicação Pública Vol.15 nº 29 | 2020

A comunicação de risco em saúde tem vindo a ser um campo de estudo, mas também de prática, fundamental na área da comunicação em saúde pública.

Este artigo faz uma abordagem crítica, ainda que não sistemática, da comunicação de risco em saúde pública e da sua aplicação no caso português, nomeadamente pelas autoridades de saúde pública, durante os primeiros quatro meses da pandemia de COVID-19.

Simultaneamente, aborda-se a importância dos níveis de literacia da população portuguesa para a compreensão, adoção e utilização da informação disponibilizada na eficácia da comunicação de risco em saúde pública.

(Espanha, 2020, p. 3)

“É possível afirmar, a partir não só da literatura, mas também da análise sistemática de campanhas de saúde pública (Noar, 2006), **que existem evidências de que campanhas sobre saúde nos *media*, bem executadas, podem ter efeitos pequenos a moderados, não apenas**

**em conhecimentos, crenças e atitudes sobre saúde, mas também nos comportamentos.**

**Dado o amplo alcance dos *media*, uma campanha que tenha efeitos pequenos a moderados, na realidade, atinge milhares de pessoas e terá um impacto maior na saúde pública do que uma intervenção individual ou em grupo com um grande efeito, pois esta só atinge um pequeno número de pessoas (Noar, 2006).** Neste contexto, os esforços de campanhas de saúde em grande escala podem ser bem-sucedidos, apesar do seu efeito moderado, ao alcançar um amplo impacto na saúde pública”.

(Espanha, 2020, p. 4)

**“Porém, a comunicação de risco em saúde pública tem características específicas que obrigam a contornar o potencial das campanhas, pois implicam uma comunicação rápida, incisiva, com efeitos imediatos,** logo, uma forma de comunicar própria, com implicações no que toca à comunicação com intuítos de mudança comportamental, mas muitas vezes também de justificação de políticas de saúde pública”.

**“Se queremos estar preparados para uma grande epidemia, precisamos de entender não apenas o vírus e como ele se espalha, mas também as cidades (e as vilas) e como elas funcionam, as organizações e como operam, as comunidades humanas e como elas se relacionam, os indivíduos e como cada um faz as suas escolhas.** Daí a necessidade de um consenso crescente de que a resposta social, ou seja, **atividades não médicas,** constituirá as medidas mais importantes no controle da pandemia, pelo que o fator humano é crítico (Kickbusch & Sakellarides, 2006).

(Espanha, 2020, p. 5)

Para uma doença desconhecida, a comunicação deve evitar o uso de certas conclusões ou expressões quando as investigações clínicas e epidemiológicas estão em curso. Quando uma investigação atualizada estiver disponível, as informações deverão ser divulgadas imediatamente. Qualquer atraso provavelmente levará a consequências inesperadas (Zhanget al., 2020, p. 10).

Como vários autores nos alertam, nomeadamente Stephan Van den Broucke (2020), “(...) mudar o comportamento das pessoas simplesmente não é tão fácil como apenas informá-las dos riscos que correm” (p. 2). **Mudar os comportamentos implica considerar os diversos aspetos fundamentais para uma comunicação de risco em saúde eficaz**, que, na perspetiva de Curtis et al. (2020), são os seguintes:

1. Constituir uma **task-force** e nomear uma personalidade central nacional;
2. **Mobilizar recursos e envolver o setor privado;**
3. Definir exatamente quais os **comportamentos** que devem mudar e por quem;
4. **Rever sistematicamente o que é feito** internacional, nacional e localmente;
5. **Rever o que se sabe sobre os motivadores** desses comportamentos e preencher rapidamente lacunas no conhecimento;
6. **Produzir ações criativas e assertivas** para a mudança;
7. Desenvolver uma **marca nacional unificadora;**
8. Desenvolver essas **ações promocionais usando os canais** mais relevantes para o público-alvo;
9. **Testar rapidamente** e rever continuamente os conteúdos informativos;
10. **Monitorizar, avaliar e partilhar**, continuamente, as ações e os resultados da avaliação.<sup>3</sup>

(Espanha, 2020, p. 8)

“Seria, assim, indispensável a **coordenação das principais mensagens difundidas entre o setor da saúde, e respetivas autoridades, e os outros setores da sociedade** para uma resposta efetiva em termos comportamentais à pandemia. Além disso, para que a informação e a comunicação possam ser realmente úteis para os cidadãos agirem de forma articulada e consciente e, simultaneamente, contribuam para o controlo e combate à pandemia, **é necessário que sejam entendidas e aplicadas**”.

Acesso ao artigo: <https://journals.openedition.org/cp/11303>

**Professora Doutora Rita Espanha**

Professora Auxiliar com Agregação do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.

Investigadora do CIES-Iscte, desenvolve atualmente pesquisas nas áreas da

"Comunicação, Tecnologias de Informação e Saúde", "Literacia em Saúde" e "As TIC na

Educação". Diretora do Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de

Informação, Coordenadora ERASMUS do Departamento de Sociologia e membro do

Grupo de Missão Iscte-Saúde. Membro do Comité Científico de Ediciones-InCom-UAB e do Comité Editorial da Revista de

*Comunicación y Salud*. Autora de vários livros e artigos sobre Comunicação, nomeadamente nas áreas da "Saúde e Comunicação",

"Comunicação em Rede" e "Jovens e *Media* em Portugal".

divulgação

A divulgação deste artigo é da responsabilidade da Sociedade Portuguesa de Literacia em saúde (SPLS)

A Professora Rita Espanha é Sócia Honorária da SPLS

[www.splsportugal.pt](http://www.splsportugal.pt)